

Reestruturação produtiva e reconfiguração espacial da indústria do vestuário em Santa Catarina: contextualização do tema e indícios sobre o começo do século XXI

*Hoyêdo Nunes Lins**

Resumo

As atividades de produção do vestuário perfilam-se entre as mais antigas da história, e os processos que lhe dizem respeito, quer crescimento ou declínio, quer mudanças tecnológicas ou organizacionais, têm importantes reflexos socioeconômicos e espaciais, como a observação histórica permite constatar. No Brasil, o Vale do Itajaí sobressai no complexo têxtil-vestuário, a reboque de trajetória mais que secular no tocante à consolidação da presença das respectivas práticas. Nos anos 1990, as transformações regulatórias vivenciadas no país resultaram em processos de reestruturação nessas indústrias, refletindo-se, entre outras coisas, em aprofundamento da subcontratação/terceirização que implicou capacidades de trabalho e produção situadas inclusive no meio rural da região. O artigo explora essas questões com vistas a indagar sobre o quadro que se desenha nas duas primeiras décadas do século XXI. Utilizando dados de empregos formais, concentra-se a atenção particularmente na Microrregião de Blumenau, a mais fortemente destacada nas atividades têxteis e do vestuário, entre as quatro que formam a Mesorregião do Vale do Itajaí.

Palavras-chave: Vale do Itajaí (SC); indústria do vestuário; mudanças produtivas

Production restructuring and spatial reconfiguration of the garment industry in Santa Catarina: contextualization and some clues concerning the beginning of the 21st Century

Abstract

Garment production ranks among the most traditional industries in history, and the processes concerning it, whether growth, decline or organizational changes, tend to have important socioeconomic consequences, as observed through the time. In Brazil, the Itajaí Valley stands out in the textile-clothing complex since at least the first decades of the 20th Century. In the 1990s, the regulatory changes experienced in the country led to restructuring processes in these industries, reflected, for instance, in more subcontracting or outsourcing and implying production capacities located even in the rural areas of the region. The article explores these issues, asking about the picture that is being drawn in the first two decades of the present Century. Using data about formal jobs, it draws attention particularly to Microrregião of Blumenau, the center of gravity of the textile and clothing activities in the Mesorregião of the Itajaí Valley.

Key words: Itajaí Valley (SC); garment manufacturing; production changes

Classificação JEL: L67, O18, R11

*Professor Titular aposentado da Universidade Federal de Santa Catarina; integrante, como voluntário, dos programas de pós-graduação em Economia e em Relações Internacionais dessa universidade. E-mail: hoyedo.lins@ufsc.br

1 Introdução

Cobrir o corpo com vestimentas, a título de proteção, aquecimento, ornamentação ou expressão de *status* social, representa prática ancestral em praticamente todo o mundo. Não parece haver equívoco no entendimento de que produzir os instrumentos dessa conduta constitui atividade tradicional e disseminada desde os primórdios da aventura humana no planeta, com as semelhanças e diferenças ligadas às particularidades de lugar, cultura e clima. Sua trajetória teve nas realizações da Revolução Industrial, na Grã-Bretanha e daí espreiadas, a base de uma importante inflexão em crescimento e produtividade, principalmente. Desde então, os avanços ganharam em intensidade, no bojo de inovações de produto e processo nessa própria indústria e entre atividades que com esta interagem técnica e produtivamente.

Principalmente desde as últimas décadas do século XX, a produção do vestuário adquiriu contornos de indústria internacionalizada. Representa vetor e, ao mesmo tempo, tradução dessa tendência, a expansão e consolidação de vários dos seus negócios em estruturas como cadeias globais. O perfil setorial, de intensa utilização de mão de obra, ajuda a explicar a divisão internacional do trabalho que lhe caracteriza atualmente: a oferta de trabalho e os vários aspectos dos correspondentes mercados afetam a geografia dessas atividades, da qual é ilustração, por exemplo, a produção em Bangladesh, mediante subcontratação, de roupas concebidas nos Estados Unidos e da lá encomendadas pela Nike. Realmente, haja vista as dimensões mundiais atingidas pelas atividades dessa indústria, registram-se interações até mesmo entre regiões e países muito distantes entre si.

Mas o vínculo entre organização da produção e configuração espacial aparece em diferentes escalas na indústria do vestuário. A elevada intensidade no uso da mão de obra faz das respectivas atividades agentes importantes na distribuição de funções produtivas entre mercados de trabalho representativos de menores custos, sendo a pressão da concorrência um poderoso vetor de iniciativas nessa direção. Entre os mercados de trabalho contemplados costumam se destacar os relacionados ao meio rural: se a reprodução da força de trabalho é (ao menos parcialmente) garantida no ambiente agrícola/rural familiar, o nível dos salários, que em teoria e em quaisquer situações deve assegurar a recomposição das condições dos indivíduos para o trabalho, pode ser comparativamente menor nesse meio, *vis-à-vis* ao praticado em atmosfera urbana/industrial. Ao longo da história moderna, com efeito, reestruturar a produção de

artigos do vestuário (a produção têxtil e do vestuário, mais amplamente) rimou frequentemente com reorganização espacial orientada para ambientes rurais.

Este artigo examina processos ocorridos nessa indústria entre o final do século XX e o início do século XXI, procurando discernir a presença de transformações produtivas e mudanças espaciais, de forma articulada. Consideram-se inicialmente alguns aspectos de cunho teórico e histórico sobre a espacialidade da produção de artigos do vestuário. Depois dirige-se a atenção para o Vale do Itajaí, indicando o seu peso nessa indústria em escala estadual e considerando processos importantes vinculadas à reestruturação produtiva na conjuntura da década de 1990. Posteriormente, na última seção antes das considerações finais, focalizam-se as duas primeiras décadas do presente século, explorando dados para o período 2000-2016 e examinando estudos específicos realizados por outros autores.

2 Breves considerações de índole teórica e de contextualização da problemática

As atividades relacionadas à produção de artigos do vestuário têm destaque nas abordagens sobre o mundo do trabalho, com respeito à organização e à espacialidade das vinculadas práticas, entre outras questões. Sua longa presença histórica e sua quase ubiquidade lhes garantem costumeiras referências em estudos sobre as experiências de trabalho, quanto aos ofícios e às formas pelas quais ocorre a interlocução social básica – entre o trabalho e o capital –, como tratado, por exemplo, em Hobsbawm (1988). Mais amplamente, essa indústria há de figurar entre as inspirações do debate sobre a centralidade do trabalho no desenvolvimento social, na atualidade capitalista, conforme discutido em Offe (1989).

Aspecto central no desenvolvimento da indústria do vestuário tem a ver com a geografia da produção, em particular no que toca ao meio rural. Os registros sobre processos de mudança das atividades nessa direção remontam a realidades antigas, notadamente em terras europeias.

Já no século XIV, segundo Wallerstein (1979), centros de produção de artigos têxteis naquele continente assistiam à transferência de atividades de áreas urbanas para ambientes rurais. Os motivos incluíam o interesse capitalista em evitar a força reivindicativa das corporações de trabalhadores e em explorar as possibilidades oferecidas pelo uso da energia hidráulica. No contexto de estagnação econômica do século XVII na Europa, a busca de melhores condições de atuação e lucratividade

resultou, conforme Wallerstein (1984), em forte disseminação do trabalho domiciliar e deslocamentos massivos de atividades para áreas rurais. O mesmo ocorreu no século XVIII, no bojo da Revolução Industrial: na Grã-Bretanha, a competitividade das indústrias de lã e linho mostrava-se relacionada, além dos avanços tecnológicos, também a mudanças para áreas de menores salários, em regiões da Inglaterra, na Escócia e na Irlanda, como assinala Wallerstein (1998).

Esses movimentos não deixaram de preservar – a rigor, acentuaram – um traço histórico dessas (e de outras) atividades: o uso do trabalho em domicílio. Como escreveu Wallerstein (1984, p. 268) sobre o século XVII, na Europa “[...] as indústrias que utilizavam o trabalho em domicílio se deslocaram para as zonas rurais.” Permaneceu, assim, e mesmo cresceu, o *putting-out system*, ou a transferência de etapas dos processos produtivos para capacidades de trabalho externas às empresas, algo presente no norte europeu desde o período da manufatura. Sob regime fabril, no século XIX, e em países como Inglaterra e França, Marx (1982, p. 444) dizia tratar-se do “moderno trabalho em domicílio”, representando “[...] um departamento externo da fábrica, da manufatura ou da loja de mercadorias” (MARX, 1982, p. 441).

A indústria do vestuário foi o terreno mais fértil dessa marcha do trabalho domiciliar. São ilustrativas as referências de Engels (1985) à produção de espartilhos e de Marx (1982, p. 445) à produção de renda; nesta, o trabalho domiciliar incidia principalmente no acabamento (*lace finishing*), que correspondia à “[...] última manipulação das rendas fabricadas mecanicamente [...]”. A prática dessa transferência de funções se intensificou porque o capitalista tinha interesse em usar “[...] um exército [de reserva] disponível a cada flutuação da demanda e sempre mobilizado” (MARX, 1982, p. 449) – ou seja, almejava responder flexivelmente à volatilidade do mercado. Outro aspecto é que são economizadas “[...] despesas de oficina quando a fabricação é disseminada” (MARX, 1982, p. 332).

Em todas as circunstâncias, as condições de trabalho nesses ambientes domiciliares mostravam-se bastante precárias. Engels (1985) produziu relatos pungentes sobre o grau de insalubridade, o padrão alimentar e a quase inacreditável intensidade do trabalho praticado. Mantoux (1962, p. 52) assinalou ter sido em atividades industriais realizadas em domicílios “[...] que se levou à perfeição a arte de extrair de uma criatura humana a soma de trabalho mais abundante em troca do salário mais reduzido”.

Mas as mudanças na geografia industrial (nas quais as transferências para o meio rural figuram entre outros processos) podem refletir diversos tipos de fatores, além do

próprio deslocamento das unidades produtivas e do uso do trabalho domiciliar. As causas podem incluir mudanças no mercado, com a redução do interesse por alguns produtos, alterações no capital fixo empregado e – articulado ou não com o segundo aspecto – surgimento de novas formas de organizar o trabalho e a produção. Este registro histórico de Braudel (1998, p. 305, grifo do autor) é ilustrativo a respeito:

Quando, no início do século XVII, os espessos tecidos de lã crua que a Inglaterra enviava antigamente em grandes quantidades para toda a Europa e para o Levante bruscamente saem de moda, no Ocidente, e se tornam demasiado caros na Europa de Leste, instala-se uma crise de vendas e de desemprego [...]. Segue-se uma reconversão a tecidos mais leves, tingidos no local, que obrigam a transformar não apenas os tipos de tecelagem nos campos, mas também o equipamento dos centros de acabamento. E essa reconversão faz-se de *modo desigual* conforme as regiões, de forma que, após a introdução das *New Draperies*, as produções especiais *regionais* já não são as mesmas: houve novos crescimentos, quedas que não se recuperaram. O resultado é um mapa modificado da produção nacional inglesa.

De alguma forma, a imagem de séculos atrás descrita por Fernand Braudel possivelmente admitiria, no contexto do final do século XX, uma abordagem em termos de acumulação flexível ou algo parecido. Essa expressão, cujo uso tem o sentido de contraponto à rigidez do fordismo, refere à “[...] flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo” (HARVEY, 1988, p. 140).

Em termos produtivos, além das inovações de produto e processo, das mudanças na organização industrial – que incluem o intenso recurso à subcontratação – e mesmo do aparecimento de novos setores, “A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas [...]” (HARVEY, 1988, p. 140). No tocante ao trabalho, multiplicam-se e crescem fortemente em incidência as formas e os contratos mais flexíveis, temporários e de tempo parcial, cujos reflexos atingem também a atuação sindical. Na esfera do consumo, observa-se “[...] uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica”. (HARVEY, 1988, p. 148).

A palavra de ordem, portanto, seria flexibilidade, que a rigor pode ser utilizada para diferentes problemas (BRESCIANI, 1997). Por exemplo, há flexibilidade interna às firmas, no modo como o trabalho é organizado e no fluxo deste no chão de fábrica. Registra-se flexibilidade também nas relações de trabalho, quer dizer, nas interações entre empresas e trabalhadores, esfera em que se inscrevem importantes mudanças nas formas e na regulamentação do trabalho. Flexibilidade é observada igualmente nas interações

entre firmas, âmbito de debates em torno da problemática da organização industrial, com abordagens que incluem estudos de caso sobre numerosas realidades socioterritoriais.

Se tem sentido falar, com alguma boa vontade, em algo como acumulação flexível a respeito da cena têxtil e do vestuário no século XVII narrada por Braudel, a atualidade (em sentido histórico) da produção de artigos do vestuário clama por tal designação. Isso é verdade, notadamente, com respeito à *fast fashion*, modelo de produção e comercialização que passou a caracterizar o funcionamento de diversas empresas desse setor mundo afora.

Perfilam-se entre as características da *fast fashion*: o forte apelo da moda, exigindo ciclos curtos no desenvolvimento e na fabricação dos produtos, com marcadas sazonalidade (temporalmente curta) e volatilidade; rapidez na reposição ou na substituição de lotes de artigos, tendo em vista as interações permanentes entre os níveis do negócio, incluindo a ponta do consumo, que contraem consideravelmente os tempos para criação, produção e distribuição, com ágil adaptação às tendências de momento e mesmo às sinalizadas; presença dominante da pronta entrega como modo de comercialização, mormente em lojas de departamentos e também de atacado (AZMEH; NADVI, 2014; CIETTA, 2017). O sentido das *fast fashion* parece atingir o paroxismo com novos processos já observados e indicativos de como funcionará o mercado da moda, internacionalmente: “A desmaterialização da fábrica, com menos pessoas e mais programas de computador e máquinas automatizadas, a personalização dos produtos de luxo, o distanciamento entre vendedor e comprador e a rapidez na entrega são os eixos da nova ‘revolução’ até 2025”. (DINIZ, 2017, p. C1).

Uma questão central nessa forma de organização dos negócios, e mesmo, de resto, em modelos mais tradicionais de produção de artigos do vestuário em escala internacional, tem a ver com a organização e as condições de trabalho. Falar sobre isso significa tangenciar as dimensões atualmente internacionais de um tipo de problema incidente há muito tempo na produção do vestuário, em cenários nacionais ou regionais, como apontado anteriormente. Em geral, grandes empresas donas de marcas reconhecidas, impositivas de determinantes da produção (*design*, por exemplo, além de preço e prazo de entrega) e controladoras do acesso à comercialização final, contratam a produção em países e regiões externos às zonas centrais do capitalismo, caracterizados por salários muito baixos, condições de trabalho bastante precárias e fraca (se existente) organização operária. Esse é um importante traço das operações que compõem a chamada cadeia global de artigos de vestuário, representando impulso para estudos e justificativas

para, ou sugestões de mudanças (FERNANDEZ-STARK; FREDERICK; GEREFFI, G., 2011).

Não raramente, empregadores atuando nesses ambientes, que canalizam encomendas oriundas de empresas com atuação internacional, ignoram completamente direitos básicos dos trabalhadores. A realidade desse tipo de trabalho em países asiáticos, africanos e latino-americanos, principalmente, tem dado margem até à atuação de organizações não governamentais e sindicatos que denunciam práticas e tentam, pela divulgação das deploráveis condições detectadas, forçar as empresas que encomendam a produção a adotarem códigos de conduta incidentes sobre toda a cadeia de fornecimento (GEREFFI; GARCIA-JOHNSON; SASSER, 2001; MAYER; GEREFFI, 2010).

A produção em domicílios, individualizada ou não e também em meio rural (as duas coisas podendo se entrelaçar), é aspecto da organização do trabalho na indústria de vestuário no período contemporâneo, em diferentes realidades, como na Itália (LAZERSON, 1990) ou no Brasil (ABREU, 1986). Sua presença, na esteira da reestruturação das atividades de grandes empresas – que buscam reduzir custos e transferem partes da produção para capacidades de trabalho externas, não poucas vezes para trabalhadores demitidos por elas –, representaria a recriação de formas de organização pretéritas, observadas, por exemplo, na Inglaterra séculos atrás. Em plena revolução da microeletrônica (COUTINHO, 1992), esse movimento constituiria o lado, por assim dizer, arcaico da reestruturação produtiva recente na indústria do vestuário (LINS, 2003), ainda mais por se inscrever na tendência mais geral de degradação das condições de trabalho, já que a precariedade anda de par com a flexibilidade (GORZ, 1988).

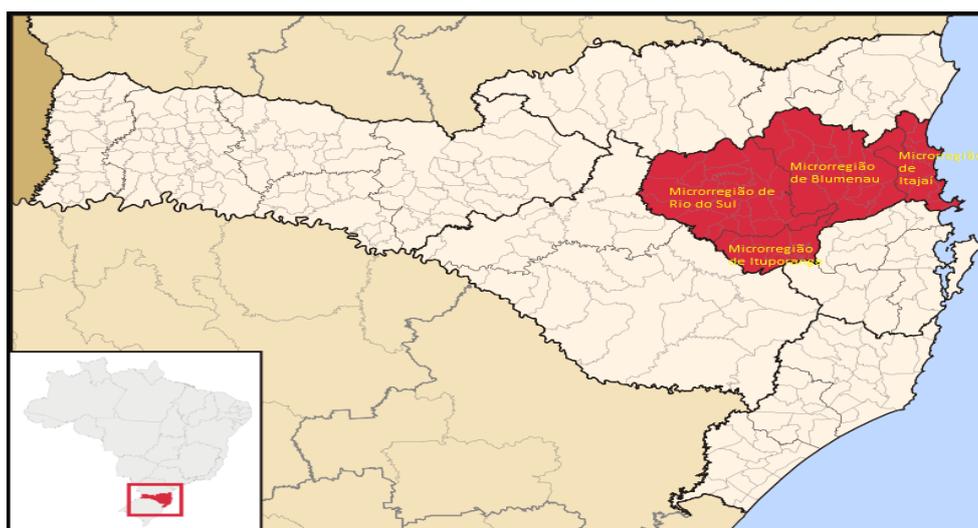
3 Produção de artigos do vestuário em Santa Catarina: proeminência do Vale do Itajaí

Santa Catarina tem destaque nacional nas atividades da cadeia têxtil-vestuário, e o Vale do Itajaí é a principal área de concentração das correspondentes indústrias. A presença dessa produção é histórica na área (e também, mas com bem menos representatividade, em Joinville), tanto assim que, em boa medida, a trajetória do Vale do Itajaí como região e o percurso das indústrias têxteis e do vestuário em Santa Catarina praticamente se confundem. As origens remontam a meados do século XIX, em relação com as migrações de origem principalmente germânica, como documentado em diversos

trabalhos, alguns específicos (p. ex., Hering, 1987), outros mais abrangentes (p. ex., Goularti Filho, 2002).

Nesse território, o Médio Vale do Itajaí sobressai indiscutivelmente no tocante às referidas indústrias. Tal área corresponderia ao que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1990) considera como Microrregião de Blumenau, formada por quinze municípios, em meio aos quais Brusque, um dos bastiões históricos da produção de tecidos, entre outros itens. Como se pode observar na Figura 1, a Microrregião de Blumenau é ladeada pela de Itajaí, a jusante, e pela de Rio do Sul, a montante; a de Ituporanga situa-se ao sul. As quatro formam a Mesorregião do Vale do Itajaí. Blumenau, município mais populoso – a população estimada para 2018 é de 352.460 habitantes (IBGE, S.d.a) – e onde foram criadas algumas das mais importantes empresas desses setores, é o espaço que mais se destaca nessas atividades, histórica e atualmente.

Figura 1 – A Mesorregião Vale do Itajaí e suas microrregiões



Fonte: Wikipedia (S.d.)

A Tabela 1 permite observar o peso tanto do Vale do Itajaí quanto da Microrregião de Blumenau na indústria do vestuário em Santa Catarina nas duas primeiras décadas do século XXI (de 2000 a 2016). O indicador são os vínculos de trabalho ativos em 31 de dezembro de cada ano, disponibilizados pela Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho (RAIS, S.d.). Trata-se, portanto, de vínculos formais, com carteira assinada. Os dados referem-se à Divisão 18 da CNAE 95 (Classificação Nacional de Atividades Econômicas): Confecção de artigos do vestuário e acessórios, que se divide em grupos e estes, em classes, com suas subclasses (CONCLA; IBGE, 2002).

Os números são eloquentes. O emprego formal na indústria do vestuário do Vale do Itajaí como um todo sempre representou mais da metade do total para o Estado de Santa Catarina. A Microrregião de Blumenau, embora tenha registrado queda de participação no agregado estadual – paralelamente ao crescimento das percentagens para as outras três microrregiões – permaneceu largamente majoritária no período. Note-se que se trata do, por assim dizer, piso da situação do trabalho nessa indústria: os dados referem-se, como se falou, a vínculos formais, e o grau de informalidade nesse tipo de atividade costuma ser bastante elevado, sobretudo em contexto de expansão do trabalho em domicílio, como se falará posteriormente.

Tabela 1 – Santa Catarina: empregos formais na indústria de confecção de artigos do vestuário e acessórios por microrregião, mesorregião e total do estado (2000, 2008 e 2016)

Mesorregiões e microrregiões		2000		2008		2016	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Grande Florianópolis	Florianópolis	996	1,7	1.669	1,9	1.853	1,8
	Tabuleiro	15	0,03	19	0,02	34	0,03
	Tijucas	336	0,6	952	1,1	1.720	1,7
	Total	1.347	2,4	2.640	2,9	3.607	3,5
Norte Catarinense	Canoinhas	96	0,2	508	0,6	813	0,8
	Joinville	11.395	20,2	18.142	20,3	17.399	16,9
	São Bento do Sul	31	0,05	123	0,1	432	0,4
	Total	11.522	20,4	18.773	21,0	18.644	18,1
Oeste Catarinense	Chapecó	1.263	2,2	2.605	2,9	3.391	3,3
	Concórdia	127	0,2	186	0,2	115	0,1
	Joaçaba	357	0,6	1.079	1,2	1.232	1,2
	São Miguel do Oeste	502	0,9	819	0,9	954	0,9
	Xanxerê	204	0,4	416	0,5	233	0,2
	Total	2.453	4,3	5.105	5,7	5.925	5,8
Serrana	Campos de Lages	251	0,4	369	0,4	808	0,8
	Curitibanos	73	0,1	324	0,4	195	0,2
	Total	324	0,6	693	0,8	1.003	1,0
Sul Catarinense	Araranguá	1.294	2,3	2.596	2,9	3.674	3,6
	Criciúma	5.578	9,9	7.840	8,7	9.925	9,7
	Tubarão	3.707	6,6	4.826	5,4	5.548	5,4
	Total	10.579	18,8	15.262	17,1	19.147	18,6
Vale do Itajaí	Blumenau	23.692	42,0	35.480	39,6	38.036	37,0
	Itajaí	1.233	2,2	3.002	3,3	3.633	3,5
	Ituporanga	520	0,9	1.223	1,4	1.801	1,8
	Rio do Sul	4.714	8,4	7.346	8,2	10.961	10,7
	Total	30.159	53,5	47.051	52,6	54.431	53,0
Santa Catarina		56.384	100	89.524	100	102.757	100

Fonte: RAIS (S.d.)

Obs.: dados da CNAE 95 para Confecções de artigos do vestuário e acessórios (Divisão 18 da CNAE 95)

Na Tabela 2, os números absolutos de empregos formais na indústria do vestuário e no total da indústria de transformação fornecem uma ideia sobre a importância daquele setor. Calculando as percentagens, observa-se que, por exemplo para 2016, em toda Santa

Catarina a produção do vestuário não representava mais de 17% do emprego industrial, mas no Vale do Itajaí a participação era de 28%. Nas microrregiões de Blumenau, Rio do Sul e Ituporanga, esses números atingem, pela ordem, 31%, 34% e 36%. Ou seja, desconsiderando-se a Microrregião de Itajaí, onde a presença de importante complexo portuário também se traduz em estrutura industrial diversificada, todo o restante da bacia do Rio Itajaí mostra uma forte incidência da produção de artigos do vestuário (assinalando-se de novo que se trata somente, nos dados, de vínculos formais de trabalho): na média, cerca de 1 a cada 3 empregos formais na indústria pertence à produção de vestuário. Em outras áreas do estado, somente a Microrregião de Araranguá exibe uma participação próxima desse patamar: 31% em 2016.

Tabela 2 – Santa Catarina: empregos formais na indústria de confecção de artigos do vestuário e acessórios e no total das indústrias de transformação por microrregião, mesorregião e total do estado (2000, 2008 e 2016)

Mesorregiões e microrregiões		2000		2008		2016	
		Confecção	Total da indústria	Confecção	Total da indústria	Confecção	Total da indústria
Grande Florianópolis	Florianópolis	996	13.824	1.669	22.887	1.853	24.915
	Tabuleiro	15	332	19	539	34	640
	Tijucas	336	5.378	952	12.583	1.720	13.603
	Total	1.347	19.534	2.640	36.009	3.607	39.158
Norte Catarinense	Canoinhas	96	10.372	508	12.732	813	14.058
	Joinville	11.395	76.925	18.142	122.438	17.399	117.556
	São Bento do Sul	31	19.326	123	21.451	432	21.740
	Total	11.522	106.623	18.773	156.621	18.644	153.354
Oeste Catarinense	Chapecó	1.263	21.055	2.605	40.288	3.391	44.242
	Concórdia	127	8.773	186	14.527	115	15.898
	Joaçaba	357	24.642	1.079	30.983	1.232	36.773
	São Miguel do Oeste	502	4.901	819	11.895	954	13.972
	Xanxerê	204	6.207	416	10.204	233	12.245
	Total	2.453	65.578	5.105	107.897	5.925	123.130
Serrana	Campos de Lages	251	9.923	369	11.545	808	13.815
	Curitibanos	73	6.262	324	7.608	195	9.727
	Total	324	16.185	693	19.153	1.003	23.542
Sul Catarinense	Araranguá	1.294	7.092	2.596	10.158	3.674	11.857
	Criciúma	5.578	22.531	7.840	39.904	9.925	43.727
	Tubarão	3.707	18.370	4.826	26.146	5.548	30.652
	Total	10.579	47.993	15.262	76.208	19.147	86.236
Vale do Itajaí	Blumenau	23.692	82.377	35.480	127.431	38.036	123.654
	Itajaí	1.233	11.720	3.002	21.861	3.633	32.027
	Ituporanga	520	2.045	1.223	4.114	1.801	4.936
	Rio do Sul	4.714	18.320	7.346	26.120	10.961	31.839
	Total	30.159	114.462	47.051	179.526	54.431	192.456
Santa Catarina		56.384	370.375	89.524	575.414	102.757	617.876

Fonte: RAIS (S.d.)

Obs.: dados da CNAE 95 para Confecção de artigos do vestuário e acessórios (Divisão 18) e para Indústrias de transformação (Seção D)

Uma maneira bastante utilizada para expressar a concentração relativa de algum tipo de atividade em espaços locais ou regionais refere-se ao Quociente Locacional (QL), “[...] a principal e mais difundida medida de localização e especialização utilizada em estudos exploratórios de economia regional, urbana e até mesmo setorial” (SIMÕES, 2006, p. 272). O QL compara a incidência de um setor (ou uma atividade) em uma área (região, município) com a mesma incidência em uma área de referência (estado, país), utilizando a participação percentual¹. O QL pode ser igual a 1, quando o nível de presença da atividade considerada na área objeto de estudo é igual ao observado na área de referência. Pode ser maior do que 1, quando aquela presença é maior, e a área aparece, portanto, como espaço de especialização ou concentração relativa da atividade. E pode ser menor do que 1, situação em que a área estudada não exibe presença comparativa relevante da atividade considerada. A Tabela 3 apresenta o QL da produção do vestuário para Santa Catarina como um todo e para suas mesorregiões e microrregiões. Sem que isso surpreenda, é ao Vale do Itajaí que se referem os maiores QL, indicando concentração/especialização local nessas atividades. Também no sul catarinense, sobretudo na Microrregião de Araranguá, o QL se mostra elevado.

O desenvolvimento da indústria do vestuário no Vale do Itajaí representou, notadamente nas últimas décadas do século XX, projeção internacional por meio de exportações para diferentes países. Mas a trajetória local dessa indústria foi longa, mais que secular. O cluster têxtil-vestuário cujo epicentro é Blumenau, exibindo estoque de externalidades surgidas no curso da sua trajetória e interações importantes entre os tecidos produtivo e institucional (LINS, 2000), adquiriu destaque progressivamente com a multiplicação das empresas (em diferentes experiências, em processos de spillover), a consolidação da presença dessas atividades na paisagem industrial regional e a afirmação do reconhecimento da qualidade de vários de seus produtos em mercados no Brasil e no exterior.

A referida paisagem implicou espaços extra urbanos nessa trajetória. Mamigonian, no estudo talvez mais completo já realizado sobre atividades industriais em Blumenau, assinala que chamava a atenção, em meados dos anos 1960, “[...] a presença de pequenos centros industriais nas zonas rurais e semi-rurais da periferia.”

¹ Formalizando o raciocínio, e ilustrando, tem-se $QL = (E_{ij} : E_j) / (E_{iJ} : E_{IJ})$, onde: E_{ij} representa o emprego no setor i (como na indústria do vestuário) na região j (como no Vale do Itajaí); E_j representa o emprego total (como no agregado da indústria de transformação) na região j ; E_{iJ} representa o emprego no setor i em um espaço maior de referência (como Santa Catarina); E_{IJ} representa o emprego total em um espaço maior de referência.

(MAMIGONIAN, 1965, p. 482, grifo do autor). A posse prévia de terrenos nessas áreas ou a sua necessidade para instalar ou ampliar as atividades, a busca de proximidade às fontes de matérias-primas e as necessidades de mão de obra sobressaíram entre os fatores dessa localização. O recrutamento de trabalhadores mostrou influência aparentemente forte no setor têxtil-vestuário: as empresas exploraram bastante a opção de se instalar “[...] nas zonas rurais dos arredores para utilizar uma parte dos colonos que não queriam partir ou que não queriam enviar suas filhas de 14, 16 anos ao trabalho na cidade”. (MAMIGONIAN, 1965, p. 464, grifo do autor). Assim, fiações, tecelagens e malharias foram registradas em ambientes em que “[...] o marido trabalha numa fábrica e sua mulher cria 2 ou 3 vacas, porcos e galinhas e cultiva as terras da família. Mas frequentemente os pais são agricultores e as filhas moças são operárias” (MAMIGONIAN, 1965, p. 474).

Tabela 3 – Santa Catarina: Quociente Locacional (QL) da indústria de confecção do vestuário por mesorregião e microrregião (2000, 2008 e 2016)

		Anos			
			2000	2008	2016
Mesorregiões e microrregiões					
Grande Florianópolis	Florianópolis		0,47	0,47	0,45
	Tabuleiro		0,30	0,23	0,32
	Tijucas		0,41	0,49	0,76
	Total		0,45	0,47	0,55
Norte Catarinense	Canoinhas		0,06	0,26	0,35
	Joinville		0,97	0,95	0,89
	São Bento do Sul		0,01	0,04	0,12
	Total		0,71	0,77	0,73
Oeste Catarinense	Chapecó		0,15	0,42	0,46
	Concórdia		0,09	0,08	0,04
	Joaçaba		0,09	0,22	0,20
	São Miguel do Oeste		0,67	0,44	0,41
	Xanxerê		0,22	0,26	0,11
	Total		0,25	0,30	0,29
Serrana	Campos de Lages		0,17	0,20	0,35
	Curitibanos		0,08	0,27	0,12
	Total		0,13	0,23	0,25
Sul Catarinense	Araranguá		1,20	1,64	1,86
	Criciúma		1,63	1,26	1,36
	Tubarão		1,27	1,19	1,09
	Total		1,45	1,29	1,33
Vale do Itajaí	Blumenau		1,89	1,79	1,85
	Itajaí		0,69	0,88	0,68
	Ituporanga		1,67	1,91	2,19
	Rio do Sul		1,69	1,81	2,07
	Total		1,73	1,68	1,70

Fonte: elaborado pelo autor com os dados da Tabela 2, cuja base é RAIS (S.d.)

Posteriormente, na década de 1980, Mamigonian (1986, p. 105) indicou situação, envolvendo vários setores industriais, em que diversas

[...] sedes municipais ou proximidades [...] [abrigavam] um ou dois estabelecimentos de grande porte, frequentemente filiais-integradas como as seções de costura das grandes malharias Hering, Sulfabril e Malwee (Ascurra, Benedito Novo, Ibirama, Rodeio); [...] numerosos estabelecimentos espalhados pela zona rural, com a capacidade de criar aglomerados (Karsten, Haco, Oxford, Buettner, etc.) ou simplesmente isolados como em várias zonas rurais do município de Brusque. Nestas duas últimas situações espaciais, parte importante da mão-de-obra é composta por elementos da família colona-operária, frequentemente mão-de-obra feminina [...]. Tratam-se de expansões espaciais tanto de grandes empresas como de pequenas e médias, que vão criando bacias de mão-de-obra cativa e barata, visando a diminuição dos custos de produção (forçada pela concorrência internacional e nacional) e que dão uma continuidade urbano-rural-urbano-rural na região.

Essa realidade marcava fortemente o Vale do Itajaí-Mirim, onde se localiza parte da Microrregião de Blumenau. No Município de Guabiruba, Metzger (1988) se deparou com situações que lhe permitiram escrever sobre o que chamou de lavrador-operário, indivíduos que combinavam a atividade na terra com a de assalariados em fábricas ou empresas artesanais, tanto localmente quanto na vizinha cidade de Brusque. Dificuldades na lide agrícola, associadas às possibilidades de penetração de membros das famílias de agricultores no mercado de trabalho industrial, resultaram em jornadas compostas por atividades no chão de fábrica e na propriedade familiar rural, articuladamente.

Na década de 1990, as atividades têxteis e do vestuário do Vale do Itajaí, como de outras áreas no Brasil – e mesmo em outros setores industriais –, passaram por forte reestruturação. As mudanças levadas a cabo no país, abrangendo, notadamente, abertura comercial, desregulamentações diversas, privatizações e valorização cambial (na esteira do Plano Real), provocaram forte aumento das importações e maiores dificuldades para exportar, o que impôs medidas de reestruturação com vistas ao enfrentamento de nível de concorrência até então praticamente desconhecido domesticamente. Essas medidas assumiram diversas formas, conforme o tamanho das empresas e suas possibilidades para usufruir das condições para importar bens de capital e também insumos e matérias-primas do exterior, ou seja, para avançar em modernização produtiva e atualização tecnológica (LINS, 2000b).

Numerosas empresas do Vale do Itajaí procuraram reduzir custos mediante a transferência de atividades. Isso se traduziu em abertura de capacidades produtivas em outras regiões e outros estados do país, como fizeram, não sem causar inquietações localmente, algumas grandes empresas (Teka, Artex, Sulfabril) atraídas pelos incentivos fiscais e pela mão de obra de baixo custo notadamente no Nordeste brasileiro, assim como na região Centro-Oeste (BRANDÃO, 1997). Assinale-se que esse processo foi também observado, talvez com mais intensidade, na indústria têxtil-vestuário do sudeste do país,

onde grandes empresas se desverticalizaram e promoveram tanto deslocamentos de fábricas (sobretudo para estados nordestinos) quanto subcontratação interestadual e inter-regional (LUPATINI, 2004).

No Vale do Itajaí, esse movimento também incluiu, talvez principalmente, a intensificação das iniciativas de subcontratação ou terceirização de etapas dos processos produtivos junto a capacidades de trabalho externas às empresas, e não só em espaços próximos. Por exemplo, na segunda metade dos anos 1990, a Hering terceirizava junto a numerosas unidades produtivas de pequeno porte localizadas até no sul de Santa Catarina, passando por áreas como Tijucas e a Grande Florianópolis (LINS, 2002).

No setor do vestuário isso implicou, quase sempre, atividades de costura (“fechamento” das roupas) com as peças já cortadas recebidas das empresas que encomendavam, como igualmente registrado por Lupatini (2004) sobre iniciativas desse tipo em escala nacional. Observe-se que, além de redução nos custos, esse procedimento outorga às empresas que demandam trabalho em tais termos, flexibilidade no uso da mão de obra e no próprio ritmo da produção em face das oscilações do mercado. Já para as capacidades produtivas externas assim mobilizadas, como firmas na forma de *facções* (termo para unidades fabris que recebem encomendas das confecções, geralmente donas de marcas ou etiquetas) ou costureiras atuando em domicílio, a situação não raramente é de fragilidade e de incertezas e, notadamente, de pressões dizendo respeito a prazos e preços cobrados, assim como de exigências de qualidade. Claro que a troca de vínculos “normais” de emprego, com os benefícios incrustados, por situações do tipo descrito significa aprofundamento do caráter precário do trabalho no setor.

Capacidades de trabalho situadas no meio rural da região foram mobilizadas nesse processo. Isso envolveu tanto costureiras individuais, atuando em domicílio, como pequenas unidades fabris (de índole formal ou não) ou ainda cooperativas de trabalhadores (normalmente costureiras). Várias das últimas foram formadas por empregadas demitidas das maiores empresas durante o processo de reestruturação; as próprias empresas induziram as costureiras a se associar, e passaram a terceirizar (ao menos parte das) atividades de costura em tais estruturas. Instaladas tanto em áreas urbanas como áreas rurais, essas cooperativas exibiam a costura de camisas, camisetas e moletons, e mesmo de bordas de toalhas e etiquetas, no leque de tarefas que protagonizavam, atividades de acabamento mostrando-se às vezes incluídas (LINS, 2001). Também aqui a questão da precariedade do trabalho, com suas diversas nuances,

coloca-se de corpo inteiro, segundo observado em experiências semelhantes em outros estados, conforme ilustrado pelo estudo de Amorim (2003) em São Paulo.

De todo modo, essa disseminação das atividades de produção do vestuário em Santa Catarina, principalmente no Vale do Itajaí, teve consequências diversas. Em Brusque, por exemplo, multiplicaram-se as unidades produtivas, muitas como pequenas fábricas acopladas a ambientes domiciliares, ligadas a lojas que sustentaram durante algum tempo um considerável turismo de compras. A experiência da rua Azambuja é ilustrativa da constituição dessa cidade como polo de pronta-entrega de artigos do vestuário: as lojas voltadas para a rua vendiam produtos fabricados em dependências conjugadas, em verdadeiro frenesi de compras. Mas o setor foi abatido pela concorrência de produtos estrangeiros, que entraram massivamente por conta dos preços muito baixos praticados, fruto da combinação entre custos de produção bastante inferiores aos locais – são comparativamente ínfimos os salários praticados em países como China e Bangladesh – e facilidades para importar decorrentes da redução das tarifas alfandegárias e da política de câmbio do Plano Real. A vertiginosa expansão anterior desses negócios deu lugar, assim, a uma dramática queda, no bojo de desativações e fechamentos. Centros comerciais instalaram-se em outra parte de Brusque, na rodovia Antônio Heil, mas atuando em condições e de formas completamente diferentes (HENSCHERL, 2002; CORRÊA, 2006).

4 Processos espaciais na indústria do vestuário no Vale do Itajaí: aurora do século XXI

A virada para o século XXI não parece ter representado alteração substantiva nas atividades da indústria têxtil-vestuário em nível nacional. Relativamente aos padrões internacionais, o nível tecnológico, por exemplo, persistiu em grande medida em defasagem, como fora detectado no início dos anos 1990 (COUTINHO; FERRAZ, 1994). O quadro se manteve apesar das possibilidades para importações de máquinas e equipamentos e para ampliação do uso de insumos importados favorecidas e estimuladas pela abertura comercial do Brasil e por anos de câmbio favorável. Também permaneceu o processo de transferências de atividades do Sudeste e do Sul do país para estados principalmente nordestinos, como fizeram, entre as empresas de origem catarinense, a Karsten (Blumenau) e a Marisol (Jaraguá do Sul), atraídas em primeiro lugar pelo menor custo do trabalho (COSTA; ROCHA, 2009).

Assinale-se que grandes empresas do Vale do Itajaí não deixaram de acusar dificuldades desde a virada do século, com consequências dramáticas. Eloquente ilustração concerne à Buettner, criada no final do século XIX em Brusque e tornada importante produtora de itens para cama, mesa e banho. Em 2016 a empresa solicitou falência, após anos de recuperação judicial. A situação de crise, na economia brasileira, que ganhou cores crescentemente fortes desde 2014 representou o corolário de um processo de declínio impulsionado por erros da própria empresa (por exemplo, a persistência da estrutura verticalizada) e pela irresistível concorrência de produtos estrangeiros, principalmente chineses. Outras grandes e históricas empresas da região também foram afetadas, como Renaux (falência decretada em 2013) e Schlösser (recuperação judicial desde 2011); algumas, como a Döhler, reorientaram as atividades (e o mercado) e lograram continuar nos negócios (LINDER, 2016).

Em Blumenau, a Hering reestruturou a forma de atuação, passando a privilegiar as vendas no varejo – mas mantendo o conceito *fashion* –, o que significou forte aumento de pontos de comercialização e, reduzindo os preços, disputas acirradas com cadeias de lojas (como Renner e C&A). Mas chamou a atenção, sobretudo, a investida asiática dessa empresa: em 2006, a Hering passou a encomendar a produção de vários itens junto a fabricantes chineses conforme os seus próprios parâmetros de qualidade, prazo e preço, para o que mobilizava equipe de controle no país asiático. Também a Teka, tradicional produtora de artigos populares para cama, mesa e banho instalada em Blumenau, trilhou esse caminho asiático por meio de encomendas da Teka Europa, sediada na Alemanha. A situação do câmbio favoreceu esse tipo de iniciativa, que representou importante complementação, e mesmo, talvez, diversificação, do leque de oferta dessas empresas (JURGENFELD; LINS, 2010).

De um modo geral, como se percebe, o recurso a formas de organizar a produção sinalizadoras de menores custos permaneceu um atrativo irresistível na indústria do vestuário do Vale do Itajaí. Isso equivale a dizer que a prática da subcontratação continuou na ordem do dia, e não só nessa região, como observado em estudos realizados em outras latitudes do estado: Caleffi (2008) testemunhou em Criciúma – área de produção do vestuário com tecidos planos (jeans, sarja) no sul de Santa Catarina – intensa contratação de capacidades externas de trabalho em facções, implicando notadamente a costura, e também envolvendo tarefas de lavanderia e bordado. Pressões por melhoria da qualidade e aumento da produtividade, implicando forte controle por parte do contratante, constituíam traço recorrente dessa prática.

No Vale do Itajaí, embora empresas locais mantivessem o interesse por outros estados e regiões do Brasil, parte importante da subcontratação (geralmente efetuada por grandes e médias empresas) implica capacidades de trabalho na própria área, como Jinkings (2002) registrara nos anos 1990. Com efeito, Bahr (2012) assinala que os serviços de costura transferidos por fabricantes de Blumenau para facções – cujo número cresceu fortemente desde os anos 1990, na forma de facções domiciliares que compraram máquinas de baixo custo e, em vários casos, constituíram e legalizaram empresas posteriormente –, incidem, em boa medida, em municípios como Indaial, Pomerode, Rodeo e Timbó. Mas é claro que, como já indicado, a subcontratação desde Blumenau mostra-se espalhada, dentro e fora de Santa Catarina.

Segundo Krost (2015), o crescimento dessa prática representou fechamento de unidades produtivas que pertenciam a empresas de Blumenau e operavam em locais próximos (como cidades vizinhas). Essa atuação direta em tais ambientes deu lugar à transferência de atividades para facções geralmente de cunho domiciliar, um movimento favorecido pelo tipo de configuração espacial gerado pela atuação prévia das empresas: “[...] a massa operária empregada [...] residia no próprio bairro e cercanias, levando à abertura de novas vias, integrando zonas rurais ao espaço urbano” (PETRY, 2000, p. 22). Tal configuração, caracterizada por proximidade entre focos de trabalho efetivos ou potenciais, provavelmente não só permitiu como estimulou, inclusive, a chamada *quarteirização*, em que unidades de produção subcontratadas (terceirizadas) repassam atividades para outras unidades, em uma cadeia de transferências, conforme estudado por Fronza (2017) em Blumenau.

Em praticamente todos os casos repertoriados nos estudos, é de relações e condições de trabalho precárias, muitas vezes bastante precárias, que se trata nessa manutenção ou aprofundamento da prática da subcontratação/terceirização. Depoimentos reunidos por Krost (2015) dão conta de perdas importantes ocasionadas pela passagem da condição de costureira assalariada em empresa para a de *faccionista*. Planos de saúde, creche para os filhos, refeitório, assistência odontológica, refeitório, entre outras coisas, representam benefícios que simplesmente desapareceram da vida desses trabalhadores, mostrando-se tal processo uma dramática regressão nas condições do cotidiano, conforme argumentado em Freitag e Brandão (2018) com base em estudo sobre Blumenau. Além disso, o fato de as condições domiciliares se revelarem pouco apropriadas ao trabalho industrial (iluminação, mesas, cadeias), gerando ou agravando problemas de saúde, e a *incrustada* tendência de contração na renda, intensificada quando há volatilidade de

encomendas, reforçam este incontornável resultado: uma grave piora das condições dos trabalhadores, em contexto de ausência de sindicalização e observação de direitos trabalhistas, já que é forte o caráter informal.

Tudo isso há de incidir também em espaços rurais. Para examinar tal aspecto, procede-se a um exercício sobre a Microrregião de Blumenau – o principal bastião das atividades têxteis e do vestuário no Vale do Itajaí e em Santa Catarina como um todo, como já indicado. O exercício consiste em explorar uma possível associação entre o crescimento dos empregos na produção do vestuário e o caráter mais ou menos rural dos municípios dessa microrregião. Os empregos têm natureza formal, implicando carteira assinada, pois foram obtidos na RAIS (S.d.), referindo-se à Divisão 18 da CNAE 95 (Classificação Nacional de Atividades Econômicas): Confecção de artigos do vestuário e acessórios (CONCLA; IBGE, 2002). O período de observação estende-se de 2000 a 2016. O caráter rural dos municípios é contemplado pela percentagem da população residente nesse meio por ocasião do Censo Demográfico de 2010 (IBGE, S.d.b). A Tabela 4 apresenta a taxa de crescimento dos empregos e a percentagem da população rural nos municípios da Microrregião de Blumenau.

Tabela 4 – Municípios da Microrregião de Blumenau: taxa média de crescimento anual do emprego formal na indústria de confecções de artigos do vestuário e acessórios entre 2000 e 2016 e participação da população rural na população residente total em 2010

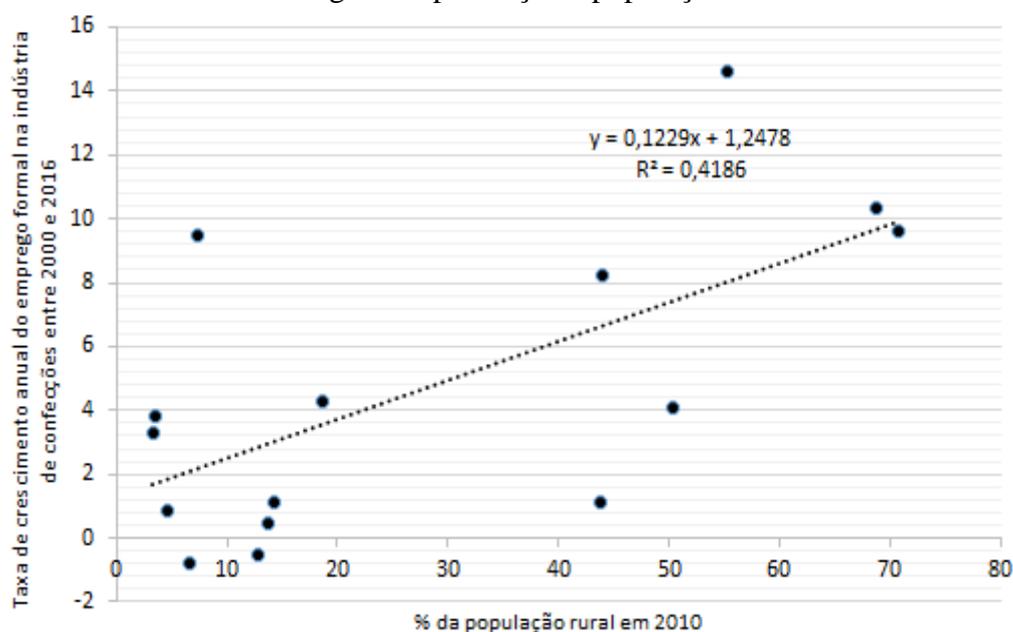
Município	Tx. média de cresc. anual do emprego formal na ind. de confecções (2000-2016)	% Pop. Rural 2010
Apiúna	14,63	55,3
Ascurra	-0,55	12,9
Benedito Novo	1,14	43,8
Blumenau	0,85	4,6
Botuverá	9,59	70,7
Brusque	3,29	3,3
Doutor Pedrinho	8,25	44,0
Gaspar	4,28	18,7
Guabiruba	9,51	7,4
Indaial	3,85	3,5
Luiz Alves	10,37	68,8
Pomerode	1,12	14,2
Rio dos Cedros	4,08	50,3
Rodeio	0,46	13,7
Timbó	-0,79	6,7

Fonte: Emprego: RAIS (S.d.), Divisão 18 da CNAE 95; População: IBGE (S.d.b)

O cálculo do coeficiente de correlação entre a taxa de crescimento anual do emprego e o nível de presença da população rural (o cálculo do r de Pearson, que varia

de -1 , indicando perfeita correlação negativa, a $+1$, apontando perfeita correlação positiva) resultou em $r = 0,6470$, indicando a existência de alguma correlação. Avançou-se rumo ao coeficiente de determinação (R^2), também variável de -1 a $+1$ e indicativo do quanto o comportamento de uma variável – neste caso a taxa de crescimento do emprego – é determinado pelo comportamento de outra variável, aqui o grau de presença da população rural. A regressão encontra-se na Figura 2, com R^2 de 0,4186. Como se nota, a determinação mostra-se baixa.

Figura 2 – Municípios da Microrregião de Blumenau: coeficiente de determinação entre a taxa de crescimento anual do emprego formal na indústria de confecções entre 2000 e 2016 e o grau de presença da população rural em 2010



Fonte: elaborado pelo autor com dados da Tabela 4

Em que pesem uma correlação apenas razoável e uma baixa determinação, dois comentários devem ser feitos. Um se refere ao fato de que o exercício realizado diz respeito tão somente à Microrregião de Blumenau, escolhida pelo motivo básico de se apresentar como o principal destaque catarinense nas atividades industriais em questão. Ocorre que essa microrregião foi a que exibiu a menor taxa de crescimento do emprego formal no setor do vestuário do Vale do Itajaí no período considerado (3,00% ao ano). Conforme mostrado na Tabela 5, essa taxa foi inferior até mesmo à de Santa Catarina como um todo, e foi amplamente superada, principalmente, pelas das microrregiões de Ituporanga (8,07% ao ano) e Itajaí (3,76 ao ano); a taxa para a Microrregião de Rio do

Sul foi de 5,41%. A Microrregião de Blumenau perdeu participação em Santa Catarina como um todo: queda de cinco pontos percentuais entre 2000 e 2016.

Tabela 5 – Microrregiões da Mesorregião do Vale do Itajaí e Santa Catarina: empregos formais na indústria de confecção de artigos do vestuário e acessórios (2000-2016)

Microreg., Mesorreg. e Santa Catarina	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014	2016	Tx cresc. Anual 2000- 2016 (%)
MR Blumenau	23.692 (42,0)	26.651 (41,8)	29.226 (41,0)	33.317 (41,0)	35.480 (39,6)	38.108 (37,0)	39.263 (38,8)	39.077 (36,1)	38.036 (37,0)	3,00
MR Rio do Sul	4.714 (8,4)	4.349 (6,8)	5.389 (7,6)	6.280 (7,7)	7.346 (8,2)	9.211 (8,9)	10.099 (10,0)	10.654 (9,8)	10.961 (10,7)	5,41
MR Itajaí	1.233 (2,2)	1.386 (2,2)	1.901 (2,7)	2.106 (2,6)	3.002 (3,3)	4.274 (4,1)	4.058 (4,0)	3.963 (3,7)	3.633 (3,5)	6,99
MR Ituporanga	520 (0,9)	640 (1,0)	959 (1,3)	845 (1,0)	1.223 (1,4)	1.598 (1,5)	1.579 (1,6)	1.832 (1,7)	1.801 (1,7)	8,07
Mesorreg. Vale do It.	30.159 (53,5)	33.026 (51,8)	37.475 (52,5)	42.548 (52,4)	47.051 (52,6)	53.191 (51,7)	54.999 (54,3)	55.526 (51,3)	54.431 (53,0)	3,76
Santa Catarina	56.384 (100)	63.744 (100)	71.315 (100)	81.255 (100)	89.524 (100)	102.856 (100)	101.279 (100)	108.174 (100)	102.757 (100)	3,82

Fonte: RAIS (S.d.) – Dados referentes à Divisão 18 da CNAE 95 (Confecção de artigos do vestuário e acessórios)

Cabe dizer estar-se diante, de algum modo, de uma descentralização dessas atividades em escala de Vale do Itajaí, um processo que, talvez particularmente no tocante aos espaços a montante de Blumenau, representaria a intensificação de tendência detectada já no final dos anos 1970: na área de Rio do Sul, esse setor apareceu como uma tendência nova, “[...] destacando-se justamente por poder aproveitar a farta mão de obra feminina local disponível e os reflexos do setor têxtil de Blumenau que trabalhava políticas de interiorização no Alto Vale do Itajaí, através do regime de facções.” (TRICHES *et al.*, 2002, p. 2).

Ora, é forte a presença de atividades do setor primário no Alto Vale. Ituporanga, por exemplo, onde o crescimento do emprego no setor do vestuário foi o mais acelerado, destaca-se principalmente pelo vigor do cultivo da cebola, acompanhada em primeiro lugar pelo fumo, em pequenos estabelecimentos agropecuários que usam intensamente a mão de obra familiar (RODOLFO, 2016). Assim, se estendido para todo o Vale do Itajaí, o exercício realizado para a Microrregião de Blumenau certamente resultaria em maiores coeficientes de correlação e de determinação entre a expansão do emprego em foco e o caráter rural dos municípios.

O outro comentário diz respeito aos movimentos internos à Microrregião de Blumenau. Os coeficientes de correlação e, principalmente, de determinação sugerem cautela em considerações sobre o quanto o aspecto rural interferiu na dinâmica do setor

do vestuário. Mas, olhando-se a Tabela 6, que detalha o comportamento do emprego em questão, nota-se que alguns dos municípios com maiores níveis de presença de população rural em 2010 (cf. apresentado na Tabela 4) registraram taxas especialmente altas de crescimento daquela variável.

Tabela 6 – Municípios da Microrregião de Blumenau: empregos formais na indústria de confecção de artigos do vestuário e acessórios (2000-2016)

Municípios e Microrreg. Blumenau	2000	2002	2004	2006	2008	2010	2012	2014	2016	Tx cresc. Anual 2000-2016 (%)
Apiúna	161 (0,3)	234 (0,4)	171 (0,2)	245 (0,3)	307 (0,3)	362 (0,3)	433 (0,4)	466 (0,4)	1.427 (1,4)	14,63
Ascurra	896 (1,6)	722 (1,1)	1.442 (2,0)	1.503 (1,8)	712 (0,8)	629 (0,6)	727 (0,7)	611 (0,6)	820 (0,8)	-0,55
Benedito Novo	621 (1,1)	599 (0,9)	601 (0,8)	651 (0,8)	722 (0,8)	753 (0,7)	601 (0,6)	724 (0,7)	745 (0,7)	1,14
Blumenau	7.229 (12,8)	7.337 (11,5)	7.643 (10,7)	9.793 (12,0)	11.320 (12,6)	11.949 (11,6)	12.256 (12,1)	11.721 (10,8)	10.466 (10,2)	0,85
Botuverá	52 (0,1)	84 (0,1)	96 (0,1)	99 (0,1)	121 (0,1)	169 (0,2)	198 (0,2)	226 (0,2)	225 (0,2)	9,59
Brusque	3.265 (5,8)	4.223 (6,6)	5.263 (7,4)	6.345 (7,8)	6.445 (7,2)	5.956 (5,8)	5.828 (5,7)	5.918 (5,5)	5.484 (5,3)	3,29
Doutor Pedrinho	99 (0,2)	122 (0,2)	129 (0,2)	226 (0,3)	340 (0,4)	315 (0,3)	332 (0,3)	291 (0,3)	352 (0,3)	8,25
Gaspar	2.510 (4,4)	2.773 (4,3)	3.116 (4,4)	3.291 (4,0)	3.455 (3,9)	4.329 (4,2)	4.737 (4,7)	4.936 (4,6)	4.908 (4,8)	4,28
Guabiruba	324 (0,6)	454 (0,7)	468 (0,7)	820 (1,0)	1.033 (1,1)	1.335 (1,3)	1.459 (1,4)	1.505 (1,4)	1.387 (1,3)	9,51
Indaial	1.889 (3,3)	2.399 (3,8)	2.644 (3,7)	2.911 (3,6)	3.398 (3,8)	3.831 (3,7)	3.856 (3,8)	3.645 (3,4)	3.456 (3,4)	3,85
Luiz Alves	374 (0,7)	698 (1,1)	761 (1,1)	900 (1,1)	1.157 (1,3)	1.472 (1,4)	1.742 (1,7)	1.753 (1,6)	1.813 (1,8)	10,37
Pomerode	2.634 (4,7)	2.983 (4,7)	2.975 (4,2)	2.948 (3,6)	2.812 (3,1)	3.134 (3,0)	3.336 (3,3)	3.428 (3,2)	3.146 (3,1)	1,12
Rio dos Cedros	436 (0,8)	569 (0,9)	614 (0,9)	495 (0,6)	626 (0,7)	784 (0,8)	750 (0,7)	876 (0,8)	827 (0,8)	4,08
Rodeio	816 (1,4)	784 (1,2)	668 (0,9)	591 (0,7)	576 (0,6)	632 (0,6)	760 (0,7)	699 (0,6)	878 (0,8)	0,46
Timbó	2.386 (4,2)	2.670 (4,2)	2.635 (3,7)	2.499 (3,1)	2.456 (2,7)	2.458 (2,4)	2.248 (2,2)	2.278 (2,1)	2.102 (2,0)	-0,79
Total-MR Blumenau	23.692 (42,0)	26.651 (41,8)	29.226 (41,0)	33.317 (41,0)	35.480 (39,6)	38.108 (37,0)	39.263 (38,8)	39.077 (36,1)	38.036 (37,0)	3,00
Santa Catarina	56.384 (100)	63.744 (100)	71.315 (100)	81.255 (100)	89.524 (100)	102.856 (100)	101.279 (100)	108.174 (100)	102.757 (100)	3,82

Fonte: RAIS (S.d.) – Dados referentes à Divisão 18 da CNAE 95 (Confecção de artigos do vestuário e acessórios)

Este é o caso de Apiúna, Botuverá, Doutor Pedrinho e Luiz Alves. Mas também é verdade que Benedito Novo e também, em algum grau, Rio dos Cedros, a despeito da grande incidência de população rural, exibiram escasso crescimento. De sua parte, Guabiruba registrou taxa de expansão do emprego no vestuário de 9,51%, mas sua população rural em 2010 mal superava 7%. Em suma, são diversas as circunstâncias que

cercam os movimentos na geografia industrial. Alguma generalização, escorada em premissas oriundas do debate teórico e da observação de tendências amplas, podem ser tentadas. Mas a diversidade de situações costuma ser a regra.

De toda maneira, é importante recordar que se trata, no estudo realizado, de dados sobre relações formais de trabalho. Portanto, encontra-se retratado o que seria, por assim dizer, o “piso” da situação do trabalho na produção do vestuário, pois a elevada informalidade costuma ser uma forte característica dessa indústria. Ora, o caráter informal há de marcar, talvez principalmente, as relações desdobradas em meio rural, onde (sobretudo) costureiras atuando em domicílio ou como integrantes de cooperativas de trabalho combinam o trabalho industrial com o agrícola/rural. Desse modo, tem sentido a conjectura – que teria de ser colocada à prova mediante pesquisa específica – de que a associação entre grau de ruralidade e multiplicação das ocupações na produção do vestuário no Vale do Itajaí é maior do que a sugerida no exercício efetuado.

Seja como for, a busca por ambientes caracterizados pela importante presença de população rural continua a ser observada em investimentos recentes no setor do vestuário em solo catarinense, inclusive oriundos do exterior do estado. Benetti (2018) informou que, em novembro de 2018, a empresa paranaense Costa Rica Malhas inaugurou uma fábrica em Canelinha, município do Vale do Rio Tijucas. Essa unidade se caracterizaria pela verticalização das atividades, produzindo fios, tecidos e confecções, e pertenceria a estrutura que opera no varejo com dezenas de lojas instaladas em quase todos os estados brasileiros. Trata-se da segunda fábrica dessa empresa em Santa Catarina. A primeira foi instalada em 2013 em Nova Trento, também município do Vale do Rio Tijucas. Em Canelinha, o Censo Demográfico de 2010 registrou população residente em meio rural que representava 37% da população total; em Nova Trento, essa percentagem era de 25%.

5 Considerações finais

Setor de atividades que costumeiramente sobressai em, no tocante às ciências sociais aplicadas, abordagens sobre economia e organização industrial e sobre economia e sociologia do trabalho, a produção do vestuário igualmente oferece inspiração e material para a reflexão sobre a espacialidade dos processos de acumulação de capital. É assim historicamente e também no período contemporâneo. Santa Catarina, que se destaca nacionalmente pela presença das indústrias têxteis e do vestuário, constitui cenário de particular interesse para estudos sobre tais questões. Em território estadual, isso

caracteriza, em primeiro lugar e de longe, o Vale do Itajaí, particularmente o médio vale, ambiente socioeconômico e institucional cuja história se confunde, não parece exagerado considerar, com a trajetória das referidas práticas industriais.

As primeiras décadas do século XXI vêm registrando, nessas indústrias, a incidência de processos que vincaram o cenário já no final do século anterior. Reestruturação produtiva, com forte inclinação ao uso de capacidades de produção e de trabalho externas às empresas (principalmente grandes e médias), permaneceu um traço proeminente nessas atividades. A subcontratação/terceirização sobretudo das etapas de costura, lançando mão de facções informais ou não, incluindo estruturas ao estilo das cooperativas de trabalho – em grande medida representando trabalho em domicílio –, revela-se uma característica de realce na paisagem. E isso se traduz em precariedade do trabalho e mesmo, quando essa forma de produzir faz sequência à demissão de contingentes outrora empregados pelas empresas que passam a transferir atividades, em contração ou retrocesso das condições de vida, haja vista o desaparecimento de benefícios diversos.

A geografia dessa indústria exhibe uma certa descentralização intermunicipal no Vale do Itajaí. Enquanto a Microrregião de Blumenau perde posição relativa, embora permaneça bem à frente como o principal espaço de incidência de tais atividades, as outras microrregiões ampliam a sua presença, o que é verdade, em primeiro lugar, para a Microrregião de Ituporanga, fortemente tipificada pela produção agrícola. Ao nível do Médio Vale do Itajaí, correspondente à Microrregião de Blumenau, alguns municípios de população majoritariamente rural no Censo Demográfico de 2010 abrigaram os mais velozes processos de crescimento do emprego formal na produção de vestuário. Mas não é possível generalizar a associação sugerida por esses resultados, pois, em outros municípios, maiores ou menores níveis de população rural não significaram dinamismos mais ou menos intensos na trajetória desse emprego.

Isso indica que subjacente à geografia da acumulação de capital existem, na experiência tangenciada, determinantes múltiplos e diversos. Naturalmente, isso não deveria surpreender quem quer que seja, já que a heterogeneidade das situações constitui padrão nesse tipo de problemática. O assunto específico estudado apenas representa reiteração sobre o quanto é complexa a tarefa de apreender as relações entre processos espaciais e formas espaciais, em quaisquer períodos e latitudes do capitalismo.

Referências

- ABREU, A. R. de P. **O avesso da moda: trabalho a domicílio na indústria de confecção**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- AMORIM, E. R. A. **No limite da precarização?: terceirização e trabalho feminino na indústria de confecção**. 2003. 238 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- AZMEH, S.; NADVI, K. Asian firms and the restructuring of global value chains. **International Business Review**, v. 23, n. 4, p.708-717, 2014.
- BAHR, O. G. **Dilemas da subcontratação: os limites da “redução de custos” das grandes empresas do complexo têxtil-vestuário de Blumenau**. 2012. 114 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2012.
- BENETTI, E. Costa Rica Malhas inaugura fábrica em Canelinha. **NSC Total**, S.l, S.p, 22 nov. 2018. Obtido em: <<https://www.nscototal.com.br/colunistas/estela-benetti/costa-rica-malhas-inaugura-fabrica-em-canelinha>> Acesso em: 5 dez. 2018.
- BRANDÃO, V. A enchente que não acabou. **Expressão**, n. 77, p. 24-31, 1997.
- BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV-XVIII**. V. 2: Os jogos das trocas. São Paulo, 1998.
- BRESCIANI, L. P. Flexibilidade e reestruturação: o trabalho na encruzilhada. **São Paulo em Perspectiva**, v. 11, n. 1, p. 88-97, 1997.
- CALEFFI, V. M. **Reestruturação produtiva na indústria do vestuário e as implicações para a qualificação dos trabalhadores**. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- CIETTA, E. **A revolução do fast-fashion: estratégias e modelos organizativos para competir nas indústrias híbridas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.
- CONCLA – Comissão Nacional de Classificação; IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. Obtido em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv1358.pdf>> Acesso em: 12 dez. 2018.
- CORRÊA, M. K. **A indústria de confecção e as implicações sócio-espaciais recentes no município de Brusque**. 2006. 156 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- COSTA, A. C. R. da; ROCHA, Érico R. P. da. Panorama da cadeia produtiva têxtil e de202, 2009.confecções e a questão da inovação. **BNDES Setorial**, n. 29, p. 159-0
- COUTINHO, L. A terceira revolução industrial e tecnológica. **Economia e Sociedade**, n. 1, p. 69-87, 1992.

COUTINHO, L. G.; FERRAZ, J. C. (Coords.). **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. 2.ed. Campinas: Papirus; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

DINIZ, P. Vigiar e consumir. **Folha de S. Paulo**, p. C1 e C3, 7.maio.2017.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Global, 1985.

FERNANDEZ-STARK, K.; FREDERICK, S.; GEREFFI, G. **The apparel global value chain: economic upgrading and workforce development**. Durham: Duke University Center on Globalization, Governance and Competitiveness, Nov. 2011. Obtido em: <http://www.cggc.duke.edu/pdfs/2011-11-11_CGGC_Apparel-Global-Value-Chain.pdf> Acesso em: 10 jul. 2014.

FREITAG, K. C.; BRANDÃO, L. As transformações no mundo do trabalho em Blumenau/SC: a gestão dos benefícios sociais. In: II JORNADA NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO E POLÍTICAS PÚBLICAS, Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense 3 e 4 set. 2018. Obtido em: <http://periodicos.unesc.net/seminariocsa/article/view/4843> Acesso em: 09 jan. 2019

FRONZA, C. S. **A exploração do trabalho no processo de quarteirização no setor têxtil-vestuário em Blumenau/SC**. 2017. 248 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GEREFFI, G.; GARCIA-JOHNSON, R.; SASSER, E. The NGO-Industrial Complex. **Foreign Policy**, p. 56-65, July 2001.

GORZ, A. **Métamorphoses du travail, quête du sens: critique de la raison économique**. Paris: Galilée, 1988.

GOULARTI FILHO, A. **Formação econômica de Santa Catarina**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

HENSCHER, R. O. **O setor têxtil-vestuarista de Brusque diante das mudanças econômicas dos anos 1990: uma abordagem à luz da noção de eficiência coletiva**. 2002. 116 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

HERING, M. L. R. **Colonização e indústria no Vale do Itajaí: o modelo catarinense de desenvolvimento**. Blumenau: Editora da Universidade Regional de Blumenau, 1987.

HOBBSAWM, E. J. **Mundos do trabalho**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. V. I. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. Obtido em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf> Acesso em: 30 dez. 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Blumenau**. S. l., S. d.a Obtido em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/blumenau/panorama>> Acesso em: 30 dez. 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinopse do Censo Demográfico 2000 – Santa Catarina.** S.l., S.d.b. Obtido em: <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=1&uf=42> Acesso em: 30 dez. 2018.

JINKINGS, I. **Reestruturação produtiva e emprego na indústria têxtil catarinense.** 2002. 120 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

JURGENFELD, V; LINS, H. N. A projeção asiática da indústria têxtil e vestuarista catarinense nos anos 2000: estudo sobre três experiências no Vale do Itajaí. **Textos de Economia**, v. 13, n. 2, p. 11-34, 2010.

KROST, O. **Trabalho em “facções” na indústria têxtil/vestuário em Blumenau/SC:** alinhando contornos da reestruturação produtiva. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2015.

LAZERSON, M. H. Subcontracting in the Modena knitwear industry. In: PYKE, F.; BECCATINI, G.; SENGENBERGER, W. (Eds.). **Industrial districts and inter-firm cooperation in Italy.** Geneva: International Institute for Labour Studies, 1990, p. 108-133.

LINS, H. N. *Clusters* industriais, competitividade e desenvolvimento regional: da experiência à necessidade de promoção. **Estudos Econômicos**, v. 30, n. 2, p. 233-265, 2000a.

LINS, H. N. **Reestruturação industrial em Santa Catarina:** pequenas e médias empresas têxteis e vestuaristas catarinenses perante os desafios dos anos 90. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000b.

LINS, H. N. Cooperativas de trabalhadores: opção frente à crise do emprego ou aspecto da crescente precariedade do trabalho? **Nova Economia**, v. 11, n. 1, p. 39-75, 2001.

LINS, H. N. Aprendizagem e inovação em uma área de produção confeccionista no sul do Brasil. In: SBRAGIA, Roberto; STAL, Eva (Eds.). **Tecnologia e inovação:** experiência de gestão na micro e pequena empresa. São Paulo: PGT/USP, 2002, p. 3-25.

LINS, H. N. *Chips & sweating system:* metáforas para a reestruturação produtiva. **Ensaio FEE**, v. 24, n. 1, p. 151-176, 2003.

LUPATINI, M. P. **As transformações produtivas na indústria têxtil-vestuário e seus impactos sobre a distribuição territorial da produção e a divisão do trabalho industrial.** 2004. 168 f. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MAMIGONIAN, A. Estudo geográfico das indústrias de Blumenau. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 27, n. 3, p. 389-481, 1965.

MAMIGONIAN, A. Indústria. In: **Atlas de Santa Catarina.** Florianópolis, Gabinete de Planejamento e Coordenação Geral de Santa Catarina, 1986, p. 104-106.

MANTOUX, P. **La revolución industrial em el siglo XVIII.** Madrid: Aguilar, 1962.

- MARX, K. **Le capital**. Paris: Editions Sociales; Moscou: Editions du Progrès, 1982.
- MAYER, F.; GEREFFI, G. Regulation and economic globalization: prospects and limits of private governance. **Business and Politics**, v. 12, n. 3, 2010. Obtido em: <http://www.bepress.com/bap/vol12/iss3/art11> Acesso em: 10 jul. 2014.
- METZGER, C. **O lavrador-operário de Guabiruba**. Guabiruba: Prefeitura Municipal, 1988.
- OFFE, C. Trabalho: a categoria-chave da sociologia? **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 10, v. 4, p. 5-20, 1989.
- PETRY, S. M. V. **A fibra tece a história: a contribuição da indústria têxtil nos 150 anos de Blumenau**. Blumenau: SINTEX, 2000.
- RAIS – RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS. Brasília, D.F.: Ministério do Trabalho, S.d. Obtido em: <<http://bi.mte.gov.br/bgcaged/rais.php>> Acesso em: 15 dez. 2018.
- RODOLFO, F. **Santa Catarina: desenvolvimento, desigualdades regionais e ação do Estado no início do século XXI**. 2016. 294 f. Tese (Doutorado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- SIMÕES, R. Métodos de análise regional: diagnóstico para o planejamento regional. In: DINIZ, Clélio C.; CROCCO, Marco (Orgs.). **Economia regional e urbana: contribuições teóricas recentes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 269-297.
- TRICHES, G. P.; TAMBOSI, M.; POLEZA, M. M.; CASAROTTO FILHO, N. **Competitividade sistêmica do polo de confecções de jeans na região de Rio do Sul – SC – Brasil**. S.l.: 2002. Obtido em: <http://portaldeeconomiasc.fepese.org.br/arquivos/links/textil_vestuario/2002%20Textil_Jeans_RiodoSul_Resumo.pdf> Acesso em: 12 jan. 2019.
- WALLERSTEIN, I. **El moderno sistema mundial: la agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea en el siglo XVI**. México, D.F.: Siglo Veintiuno, 1979.
- WALLERSTEIN, I. **El moderno sistema mundial: el mercantilismo y la consolidación de la economía-mundo europea – 1600-1750**. México, D.F.: Siglo Veintiuno, 1984.
- WALLERSTEIN, I. **El moderno sistema mundial: la segunda era de gran expansión de la economía-mundo capitalista – 1730-1850**. México, D.F.: Siglo Veintiuno, 1998.
- WIKIPEDIA. **Mesorregião do Vale do Itajaí**. S.l., S.d. Obtido em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_do_Vale_do_Itaja%C3%AD#/media/File:SantaCatarina_Meso_ValedoItajai.svg> Acesso em: 22 dez. 2018.